

Veneza aguarda
o novo longa de
Karim Aïnouz

PÁGINA 3



Boninho agora
prefere conteúdos
multitelas

PÁGINA 4



Nasi, a voz do Ira!,
lança álbum solo
gravado ao vivo

PÁGINA 6



2º CADERNO

Um continente chamado Murat

CCBB passa em revista o legado de lutas da diretora de ‘Quase Dois Irmãos’, uma cronista dos horrores da ditadura nas telas, que foi premiada na Berlinale este ano

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Imã vivo de prêmios por onde passa, com seu cinema confessional e memorialista sintonizado sobretudo com as chagas da tortura, Lucia Murat abriu o ano sendo premiada na Berlinale com um .doc sobre educação. Cada vez que se elenca o recente rol de sucessos do Brasil no exterior após o Oscar de “Ainda Estou Aqui”, indo do Grande Prêmio do Júri de Berlim a “O Último Azul” até chegar ao desempenho arrasa-quarteirão de “O Agente Secreto” em Cannes (com quatro láureas), há que se ressaltar a consagração de “Hora do Recreio” em telas da Alemanha.

Seu retrato para a resiliência estudantil na rede pública rendeu para Lucia a menção especial da mostra Generation. Trata-se do filme mais requintado da realizadora carioca desde “Quase Dois Irmãos” (2004),

estudo sobre fraternidade num Rio sitiado pelo tráfico e pela inadimplência das autoridades. Ela ganhou o troféu Redentor de Melhor Direção no Festival do Rio por esse misto de drama e thriller político que, há 20 anos, teve de expandir seu circuito dada a demanda do público nas salas do Grupo Estação e arredores. Se você nunca viu essa pepita em telona, o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ) vai te dar uma canja nesta segunda, às 16h.

Sua projeção integra a retrospectiva Cinema de Resistência: Um Olhar Sobre O Brasil Invisível, centrada nos feitos de Lucia, revisitados sob a curadoria da professora, crítica e pesquisadora Denise Lopes. Sua trama se ambienta nos anos 1970, quando o país vivia amordaçado pelo cabresto dos generais, numa gestão autoritária e mortífera que virou o tema central da filmografia de Lucia, da década de 1980 até ficções recentes como “O Mensageiro”, que a premiou em múltiplas frentes no Festival de Paraty, em 2024.



Taiga Filmes

Fotos/Taiga Filmes



Grace Passô ganhou a *lâurea de Melhor Atriz* no Festival do Rio de 2017 por *'Praça Paris'*

Flavio Bauraqui e Caco Ciocler em *'Quase Dois Irmãos'*: *Prêmio de Direção* no Festival do Rio

'Que Bom Te Ver Viva' repassa memórias da ditadura, com Irene Ravache em cena

Um legado singular que consolida uma cartografia de Brasis que resistem

No enredo de “Quase Dois Irmãos”, muitos presos políticos foram levados para a Penitenciária da Ilha Grande, na costa do Rio de Janeiro. Da mesma forma como os militantes detidos foram isolados naquele xilindró insular, assaltantes de bancos também estavam submetidos à Lei de Segurança Nacional e condenados ao esquecimento. Ambos cumpriam pena na mesma galeria. O encontro entre esses dois mundos é parte importante da história da violência que o país até hoje enfrenta, a partir da gênese do Comando Vermelho, retratada aqui a partir da relação entre um criminoso (Flávio Bauraqui, esplendoroso) e um ativista de esquerda (Caco Cicoler). Bauraqui ganhou o Redentor na *Première Brasil* de 2024 por seu desempenho.

O vigor do que o CCBB vai conferir esta tarde é parte da fricção histórica e estética de Lucia



O documentário *'A Hora do Recreio'* rendeu menção especial à diretora Lucia Murat na última edição do Festival de Berlin, realizada em fevereiro

nas recordações dos Anos de Chumbo. Foi a partir de um misto de .doc e ficção, “Que Bom Te Ver Viva” (1989), que a realizadora passou a ser encarada como porta-voz de corpos e de espíritos que foram reprimidos, agredidos e torturados pelo Estado em seus tempos de farda verde oliva – em

especial depois do AI-5.

Exibida no CCBB, a produção está na plataforma MUBI. Ela foi agraciada com o troféu Candango de Melhor Filme, Montagem e Atriz (Irene Ravache) no Festival de Brasília, no fim dos anos 1980. A partir da mistura dos delírios e fantasias de

uma personagem anônima com depoimentos de oito ex-presas políticas brasileiras, o longa aborda a tortura durante a ditadura no Brasil.

Até o fim da mostra sobre Lucia, o CCBB revive incursões da cineasta pelas periferias do Rio, como “Maré, Nossa História de

Amor”, que a levou à Berlinale, em 2008. No encerramento desse festival Murat, no próximo dia 23, será exibido “Praça Paris”, que ganhou o Redentor de Melhor Atriz na *Première Brasil* de 2017 (dado a Grace Passô) e valeu à sua diretora outro prêmio de Melhor Realização na maratona cinéfila carioca. Uma das joias

Essa revisão é um caminho para que se entenda o legado singular de Lucia (e sua produtora, a Taiga) na consolidação de uma cartografia de Brasis que resistem ao sexismo e combatem os ranços do governo ditatorial de 1964 a 1985.

É esse sentimento combativo – combinado com destrezas de enquadramento – que levou “Hora do Recreio” a brilhar na Berlinale. O filme é uma aula de estrutura dramática. Murat retrata a reação de uma série de alunas/es/os a uma pesquisa com professores da rede pública. As turmas ali documentadas discutem temas como evasão escolar, racismo, tráfico de drogas, bala perdida, feminicídio e gravidez precoce, além de performarem uma peça de teatro baseada no livro “Clara dos Anjos”. Por meio dessa dramatização, realizada por atores dos grupos Nós do Morro, do Vidigal; Grupo de Teatro VOZES, do Cantagalo; e Instituto Arteiros, da Cidade de Deus, alunas e alunos em cena comparam as interpretações às suas vivências como moradores de comunidades. É uma das narrativas documentais de maior vigor de 2025. Que estreie logo...

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Neste 2025 em que conquistou o Oscar com “Ainda Estou Aqui” (hoje no Globoplay), o Brasil ganhou o Grande Prêmio do Júri da Berlinale com “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro; venceu a disputa de Melhor Curta Internacional do Bafici com “Minha Mãe É Uma Vaca”, de Moara Passoni; e testemunhou a consagração de Kleber Mendonça Filho e Wagner Moura com “O Agente Secreto”, em Cannes, com laureas de Melhor Direção e Interpretação, além do troféu da Crítica. Agora em agosto, duas outras mostras competitivas de prestígio GG no circuito anual dos festivais, Locarno e Veneza, podem incluir o cinema nacional na caça a suas premiações, batizadas com nome de felinos: o Leopardo Dourado e o Leão de Ouro.

Há uma corrida para saber que títulos podem nos premiar. No documentário, já há uma torcida formada em torno de Sabrina Fidalgo e seu “Time To Change”, investigação sobre fantasmas da exclusão racial. Na animação, fala-se em “Nimuendajú”, de Tania Anaya, que concorrerá no Festival de Annecy, de 8 a 14 de junho na França (com chance de, daqui a dois meses, estar nos eventos supracitados, na Suíça e na Itália). Já na ficção, a voz autoral brasileira mais evocada é o cineasta cearense Karim Aïnouz, onipresente na cena audiovisual estrangeira. Seu novo trabalho, contudo, é uma produção rodada na Espanha, de medula gringa: “Rosebush Pruning”.

De toda forma, bolões de aposta acerca de quem vai estar nas gôndolas venezianas em 2025 apontam sua escalção, em especial depois de ele ter concorrido à Palma da Croisette por dois anos seguidos, com “O Jogo da Rainha” (“Firebrand”, em 2023) e “Motel Destino”, em 2024.

Com gênese amalgamada ao cult “De Punhos Cerrados” (1965), de Marco Bellocchio, o novo Karim acompanha os conflitos de uma família que luta contra



O cineasta cearense Karim Aïnouz nas filmagens de ‘Motel Destino’, longa que lhe valeu uma indicação à Palma de Ouro na edição do ano passado do Festival de Cannes

A nova de Karim

Novo longa internacional do diretor cearense, o drama de elenco estelar ‘Rosebush Pruning’, pode levar o cineasta à disputa pelo Leão de Ouro de Veneza

doenças genéticas no coração de uma propriedade rural. Seu time de estrelas inclui Pamela Anderson, Elle Fanning, Callum Turner, Riley Keough, Jamie Bell (o eterno “Billy Elliot”), Lukas Gage, Tracy Letts e Elena Anaya. A produção é da MUBI, The Match Factory e The Apartment (uma empresa Fremantle). Nenhuma imagem do

projeto foi divulgada até agora.

“Estou muito animado para dar vida a este roteiro audacioso e instigante, que desafia nossas noções de família tradicional e de patriarcado, com este brilhante elenco de atores que admiro há muito tempo”, celebra Karim em comunicado à imprensa.

O roteiro é de Efthimis Fili-

ppou (parceiro do grego Yorgos Lanthimos em “O Sacrifício do Cervo Sagrado” e “O Lagosta”). Já a produção é de Viola Fügen e Michael Weber. Simone Gattoni, da Kavac Film, responsável pela aquisição dos direitos de adaptação, também responde pela produção ao lado de Annamaria Morelli. Andreas Wentz e Juan Cano Nono, da Surfilm, são coprodutores na Espanha, enquanto Rachel Dargavel, da Crybaby, coproduz no Reino Unido. O filme é financiado pela MUBI, junto com (a já mencionada) The Apartment, Metafilms, Anna Films e In Bloom, com apoio financeiro da Medienboard, do BFI, do German Federal Film Board e da Film und Medienstiftung NRW.

Após várias colaborações com Aïnouz, com destaque para “A Vida Invisível” (Prix Un Certain Regard em Cannes, em 2019), a diretora de fotografia Hélène Louvart volta a trabalhar com o diretor de “Madame Satã” (2002). Outros membros da equipe criativa incluem a maquiadora Barbara

Kreuzer, a figurinista indicada ao Oscar Bina Daigeler e o diretor de arte Rodrigo Martirena.

Sem espaço no circuito exibidor, “O Jogo da Rainha” pode ser visto hoje na Prime Video da Amazon e conta com uma interpretação vigorosa de Alicia Vikander. Elogiado em Cannes sobretudo pelo visceral desempenho de Jude Law, o longa foge da estética bem-comportada dos relatos audiovisuais sobre monarquia ao mostrar uma visão decadente da aristocracia do Velho Mundo. Laureado no balneário francês, em 2019, com o Prix Un Certain Regard, por “A Vida Invisível”, Karim reconstituiu o embate entre a monarca Catherine Parr (1512-1548) e o rei Henrique XVIII (1491-1547), numa narrativa de intrigas palacianas e amorosas. O roteiro é assinado pelas irmãs Henrietta e Jessica Ashworth, autoras da série “Killing Eve”. O elenco traz ainda Sam Riley (que foi dirigido por Walter Salles em “Na Estrada”) e Eddie Marsan (que fez “7 Dias em Entebbe” com José Padilha).

CORREIO CULTURAL

Reprodução Instagram



Cláudia Raia estava fora da TV desde 2023

Cláudia Raia assina com Netflix para atuar na série 'Fúria'

Claudia Raia se rendeu ao streaming. Longe de produções televisivas desde a participação especial em "Terra e Paixão" (Globo), a atriz fechou contrato com a Netflix para integrar no elenco da série "Fúria", dirigida por José Henrique Fonseca. O início das gravações está previsto para este mês, no Rio. A produção é ambienta-

da no universo do MMA e acompanha a trajetória de um jovem lutador. Ainda não foram divulgadas mais detalhes sobre o personagem de Claudia Raia na história, criada por Igor Verde e Gustavo Bragança. "Fúria" ainda não tem data de estreia definida. Claudia deixou a Globo no final do ano passado, após 40 anos de emissora.

Direito autoral

Após longa batalha comercial, a cantora Taylor Swift comprou de volta os direitos das gravações de seus seis primeiros álbuns, que disputava desde 2019. Em carta aberta aos fãs, Swift disse que comprou as gravações por um preço "justo".

Direito autoral II

Estima-se que o valor é próximo ao que a empresa Shamrock pagou em 2020, cerca de US\$ 300 milhões (R\$ 1,7 bilhão). Ela havia perdido os direitos quando sua primeira gravadora os vendeu-os a um empresário, que os revendeu à Shamrock.

Arte acessível

Como tornar as exposições de arte mais acessíveis ao público com deficiência, por meio da criação? No livro "Arte COM Acessibilidade" (Ed. Appris), Karen Montija propõe caminhos para tornar exposições acessíveis a pessoas com deficiência visual.

Arte acessível II

Com base na Proposta de Acessibilidade à Experiência Estética, a professora da Escola de Comunicação e Arte da USP defende estratégias que ultrapassam o acesso físico, promovendo uma fruição sensível e profunda da arte em espaços culturais.

Dias contados para os monopólios?

João Cotta/Divulgação TV Globo



Fora da Globo por opção própria desde o fim de seu contrato, no ano passado, Boninho pretende criar conteúdos de forma independente

Boninho aposta em era de multitelas com projetos para TV aberta e streaming

O mercado audiovisual brasileiro está cada vez mais aberto à convergência entre plataformas. A avaliação é de José Bonifácio Brasil de Oliveira, o Boninho, que vem articulando novos projetos para televisão e streaming após deixar a direção de núcleo da TV Globo. Em sua nova fase, o produtor atua como showrunner, modelo adotado nos Estados Unidos que permite maior autonomia na criação e desenvolvimento de formatos, sem vínculo exclusivo com uma única empresa.

Um dos primeiros projetos nesse novo modelo será a próxima edição do "The Voice", fruto de uma parceria entre Disney+ e SBT. A proposta é que o reality musical seja

exibido simultaneamente nas duas plataformas. "Vamos entrar numa nova era de multitelas. As TVs abertas e os streamings entenderam que não precisam mais dividir exclusividade, dá para complementar", afirmou Boninho. Segundo ele, a junção amplia o alcance da audiência: "O SBT tem um público mais C e D, e a Disney tem um público mais B e C. Quando dividimos o The Voice, vamos estar falando com todos. Isso ajuda na monetização."

Para Boninho, a lógica de compartilhamento entre players distintos tende a se tornar cada vez mais frequente. "É um caminho possível para quem não tem ciúme. As partes têm que estar muito preparadas para esse casamento aberto. Mas acho que vai acontecer, porque é positivo para todo mundo."

A aposta nos realities como peças-chave para o crescimento das plataformas é clara. "Alguns realities são praticamente histórias da vida real que viram uma novela pela forma como são editadas. É um produto que traz assinantes, por isso os streamings estão loucos por realities."

Atualmente, ele mantém conversas com outras empresas do setor, como a Amazon, interessada em formatos originais desenvolvidos no Brasil. "A Amazon quer fazer um reality aqui no Brasil para ser espalhado para o mundo inteiro. Quer dizer, um formato que começaria aqui como uma praça padrão. Estou ouvindo todo mundo, acho legal que estão me convidando para conversar", disse o produtor.

Ao comentar a transição para um modelo mais flexível, Boninho afirmou que o novo ambiente criativo permite maior liberdade: "É um ambiente muito mais tranquilo quanto a isso da exclusividade. É uma cabeça de produção americana, né?"

A tendência à convergência entre televisão e plataformas digitais também foi tema de reflexões de seu pai, Boni, que participou de um debate no Rio2C. "Há um equívoco na imprensa especializada que trata o streaming e a TV como mundos diferentes. É um mundo só, o audiovisual transmitido de formas diferentes. É preciso trazer força para que essas tecnologias convirjam a ponto de favorecer o espectador."

Os bastidores em primeiro plano

Com metalinguagem, Grupo Teatro Empório celebra duas décadas revelando, com humor ácido, tudo por trás de uma conturbada montagem de 'Hamlet'

Camila Guimarães/Divulgação



A montagem do espetáculo é fruto de processo colaborativo entre direção e elenco

O grupo Teatro Empório estreia nesta quinta-feira (5) no centro cultural Futuros – Arte e Tecnologia, o espetáculo “É Tudo Mentira”, comédia dramática metalinguística que marca os 20 anos da companhia. Dirigida por Larissa Siqueira e Leandro Bacellar, a peça se passa nos bastidores de uma montagem de “Hamlet” e acompanha um grupo de atores lidando com inseguranças, vaidades e a pressão de um patrocínio instável. No centro da trama está Tito, um diretor obcecado por sua visão artística, que tenta manter a peça em pé enquanto o caos se instala.

A dramaturgia de Bacellar, construída em processo colaborativo com o elenco, aposta em paralelos entre a ficção de Shakespeare e os conflitos reais que emergem na prática teatral. Com humor ácido e ritmo ágil, o texto lança um olhar crítico – ainda que apaixonado – sobre os desafios que atravessam a criação artística: disputas de ego, afetos mal resolvidos e tensões cotidianas. Segundo os diretores, o espetáculo não pretende retratar “o teatro” como um todo, mas sim o cotidiano de um grupo específico, com suas fragilidades e contradições.

Inspirando-se em “Hamlet”, a

encenação reproduz em sua estrutura e dinâmica de personagens o embate entre aparência e verdade, cena e bastidor, encenação e vida.

“Assim como Hamlet usa o teatro para revelar verdades ocultas, nossa montagem faz o mesmo, confundindo ficção e realidade até que o

limite entre elas se torne irreconhecível”, afirma Bacellar, que também integra o elenco. A peça, segundo ele, utiliza a ironia e o absurdo para

revelar como os vínculos dentro de uma companhia teatral oscilam entre o cômico e o trágico.

Celebrando duas décadas de trajetória no teatro independente, o Teatro Empório se volta agora para dentro de sua própria história. “A peça fala sobre o que nos move: a paixão pelo teatro. Nesses vinte anos, passamos por muitos momentos difíceis, e seguir em frente é uma forma de resistência”, diz Bacellar. “É Tudo Mentira” conta com dramaturgia dele próprio, consultoria de direção de Márcio Vito, trilha de Rach Araújo e elenco formado por Charlotte Cochrane, João Vitor Novaes, João Nazaré, Luiz Fernando Lopes, Nívia Terra, Raísa Mousinho, Tiago Alves e Tita Pretti.

“Com ‘É Tudo Mentira’, celebramos os vinte anos do Teatro Empório oferecendo ao público uma peça que homenageia o teatro e os artistas que fazem dele sua razão de existir.”

SERVIÇO

É TUDO MENTIRA

Teatro Futuros (Rua Dois de Dezembro, 63 – Flamengo)

De 5 a 29/6, de quinta a domingo (19h)

Ingressos: R\$ 60, R\$ 30 (meia) e R\$ 39 (Giro Card)

Entre **términos** e recomeços

Roteirista Renê Belmonte faz sua estreia na direção na comédia dramática ‘Tudo Que É Bom...’

Em cartaz no Cine Teatro Jóia, “Tudo Que É Bom...” é uma comédia dramática que explora os bastidores emocionais dos fins e dos novos começos. Com oito esquetes entrelaçadas, a peça aborda relacionamentos amorosos, amizades desfeitas e rompimentos de forma leve, irônica e emotiva, convidando

o público a rir e se reconhecer em suas próprias histórias.

A montagem, escrita por Renê Belmonte — roteirista conhecido do cinema e da TV — marca sua estreia como diretor, ao lado de Luís D’Mohr, que traz mais de 30 anos de experiência e uma abordagem que alia técnicas teatrais a estudos de psicologia e comportamento. Juntos, apostam em um estilo naturalista e cenários simples, destacando a autenticidade dos personagens.

O texto propõe uma reflexão sobre como lidamos com os encerramentos inevitáveis, não limitando sua narrativa a uma comédia de situações. Temos aqui um olhar



Divulgação

A montagem que marca a estreia do roteirista Renê Belmonte como diretor investe no humor ácido para apresentar ao público histórias nas quais ele se reconheça

generoso sobre o fracasso, resignificando as perdas e transformando a desistência em potência cênica. “O riso que escapa da plateia, por vezes, vem acompanhado de um suspiro ou de um breve silêncio. E é nesse lugar entre o riso e o incômodo que a peça se instala – viva, contraditória e pulsante”, destaca o autor e diretor.

No elenco estão Valentina Bulc, Guilherme Albuquerque, Ana Cecília Mamede, Rafael Oliveira, Mila Carmo e Vini Cavalieri, que dão vida às histórias com sutileza e realismo.

SERVIÇO

TUDO QUE É BOM...

Cine Teatro Jóia (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 680, subsolo) | Até 30/6, às segundas-feiras (20h)

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Ao vivo, com alma e nunca sozinho

Ana Karina Zaratín/Divulgação e Divulgação

Nasi, a voz do Ira!, lança álbum solo ao vivo com repertório de releituras e faixas autorais

Por Affonso Nunes

Após três singles lançados ao longo do ano passado, Nasi apresenta ao público o álbum “Solo Ma Non Troppo”, registro ao vivo do show que marcou a estreia do disco “Rock Soul Blues”. Gravado em abril de 2024 no Teatro Raul Cortêz, em São Paulo, o novo trabalho já está disponível em todas as plataformas digitais, com distribuição da Ditto Music.

O título — em italiano, “sozinho, mas não tanto” — reflete a proposta do projeto: um álbum solo no nome, mas coletivo na execução, com participações especiais e homenagens sonoras a artistas que moldaram a trajetória de Nasi. O repertório reúne as oito faixas de “Rock Soul Blues”, disco lançado em 2024, formado por composições próprias e versões de músicas de ídolos pessoais do cantor, como Zé Rodrix, Tim Maia, Erasmo Carlos, Jerry Lee Lewis e Martinho da Vila.

Além de sua presença no Ira!, banda que o consagrou como um dos nomes centrais do rock nacional, Nasi tem mantido uma produção solo constante e autoral bastante diversificada. “Solo Ma Non Troppo” é seu nono álbum solo e evidencia a continuidade de uma carreira paralela que nunca se acomodou. Ao lado de músi-



Em seus trabalhos solo, Nasi envereda pelas sonoridades do soul e do blues, delimitando uma fronteira bem definida em relação ao seu trabalho junto ao Ira!

cos experientes, o cantor constrói paisagens sonoras emolduradas numa mescla de soul, blues e rock com referências brasileiras e estadunidenses, estabelecendo uma fronteira distinta em relação ao seu trabalho com a banda.

O disco traz também outras faixas de sua carreira solo, como “Perigoso”, “Poeira nos Olhos”, “O Rei da Cocada Preta” e “Feedback”, esta última relançada como um dos singles que antecederam a chegada do novo álbum. Composta em parceria com Johnny Boy, a música tem pegada de hard soul com arranjos que re-

metem ao fim dos anos 1960 — uma sonoridade que tem guiado boa parte das escolhas estéticas do artista nesta fase recente.

O show contou com a presença de três convidados que imprimiram ainda mais identidade à apresentação: Nanda Moura, cantora e guitarrista reconhecida no circuito do blues nacional; Denilson Martins, saxofonista paulistano com sólida trajetória no jazz e na música instrumental; e Jeff Berg, guitarrista, produtor e engenheiro musical de Nasi — também colaborador recorrente do Ira!.

A performance registrada ao

vivo aposta menos na fidelidade técnica e mais na vibração crua de palco. Em “Feitiço na Rua 23”, uma das faixas mais emblemáticas do novo repertório, a famoso timbre rouco de Nasi surge enfiada seguida por uma guitarra sinuosa e uma linha de baixo pulsante sem perder o compasso. Já em “Aqui Não É o Meu Lugar”, a melodia acelera ao ritmo do Hammond e de guitarras distorcidas. “É importante saber a hora / Deixar pra trás as cinzas do passado”, canta Nasi.

A celebração do cantor com seu público termina com uma

execução soul-blueseira para “Dias de Luta”, um dos hinos do Ira!, gravado originalmente no álbum “Vivendo e Não Aprendendo” (1986). “Se hoje canto essa canção / O que cantarei depois”, reforça o coro da plateia.

Com uma trajetória que começou nos anos 1980, ao lado de Edgard Scandurra, Nasi tornou-se uma figura icônica do rock brasileiro não apenas por sua voz rouca e presença de palco, mas por manter, ao longo dos anos, um repertório que sempre dialogou com a política, a poesia urbana e as sonoridades afro-americanas.



Fronteiras expandidas

Em nova fase afrolatina, Jesuton lança single com a angolana Pongo e o produtor Vincee

Por Affonso Nunes

Jesuton dá início a uma nova fase musical com o lançamento do single “Me Dá Razão”, que chega às plataformas nesta sexta-feira. A faixa, que o Correio ouviu antes, reúne a cantora britânica ao produtor brasileiro Vincee e à artista angolana Pongo em uma fusão de beats eletrônicos e influências afrolatinas num tema dançante, vibrante e direto, com arranjos marcados pelo tamborzão, ambientações digitais e versos sobre auten-

ticidade e poder.

A produção é de Vincee, que também participa da faixa, enquanto a composição é assinada pelo trio ao lado de João Ribeiro e Marcelo Delamare. A canção antecipa o álbum “Hoje”, previsto para ser lançado em julho.

Britânica filha de nigeriano e jamaicana, Jesuton vive atualmente entre Brasil e Portugal. Após anos dedicados ao soul, ela amplia seu repertório com sonoridades africanas e brasileiras, refletindo transformações pessoais e criativas. “Me Dá Razão” sucede os singles “Boy Lixo” (2024) e “Angela Davis (Terremoto)”, parceria com Deekapz lançada em janeiro.

Com letra que fala sobre seguir o próprio ritmo e se recusar a ser silenciado, a faixa ganha força com a presença de Pongo, conhecida como “rainha do kuduro”.



Jesuton abraça a angolana Pongo, sua parceira no single ‘Me Dá Razão’

“Ter a Pongo nesta música foi um presente. A conheci por meio do Vincee, e nossa conexão se estendeu para além da música”, diz Jesuton.

Vincee, por sua vez, propõe uma base sonora que mistura UK garage com funk carioca, apostando em batidas que remetem tanto às pistas de Londres quanto

ao Rio. “Essa conexão representa muito a história da Jesuton. É um som pista com elementos que fazem parte do nosso universo”, afirma o produtor.

CRÍTICA / DISCO / FANTASIA BRASIL 2

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de um álbum gravado por dois jovens geniais. Desde que os ouvi pela primeira vez, encantei-me. Fascínio que só fez aumentar quando fui assisti-los ao vivo, num show numa das unidades do Sesc paulistano, quando lançavam o primeiro álbum. A presença de palco dos rapazes contrastava com a timidez que demonstravam enquanto se revelavam fora de série. Inadmissível perder qualquer movimento que surgia daquelas mãos. Liguei-me!

Desde então, busquei acompanhar a trajetória do duo. Até que, em fevereiro deste ano de 2025, recebi o convite do produtor deles para escrever o release do álbum que lançariam no segundo semestre (sim, é raro, mas às vezes sou convidado a escrever releases). Honrado, cá dentro:

abaixo está o texto que dediquei a eles, com algumas pequenas modificações.

O Duo Rafael Beck & Felipe Montanaro lança agora Fantasia Brasil 2 (Biscoito Fino), seu segundo e aguardado álbum. Ouça o álbum em

Os meninos do interior de São Paulo – Rafael tem 24 anos e Felipe, 19 –, são multi-instrumentistas. Ouvi-los em todo o seu esplendor carece que estejamos atentos aos detalhes dos arranjos que criam. Eles são uma verdadeira linha de montagem de surpresas rítmicas, harmônicas e melódicas. Não há simetria prévia que antecipe a genialidade dos caras, eles são

Eis aqui dois meninos com asas



Divulgação

extraordinários a cada acorde. Não bastassem tantos atributos, a qualidade do repertório que escolheram é formidável. Apesar de muito jovens, eles arrasam ao demonstrar um faro aguçado para buscar músicas da mais fina linhagem, trazendo-as para seu universo cotidiano.

A busca por timbres e soluções harmônicas, embaladas em criatividade rítmica; os uníssonos; os duos que se desgarram e se juntam, febris e eficazes. Tudo com o bom-gosto à flor da pele, as dinâmicas arrepiando o cabelo...

Ei-las: “Geni e o Zepelim”, citação: “Meu Caro Amigo” (Chico Buarque); “Sapato Velho” (Mú Carvalho, Claudio Nucci e Paulinho Tapajós); “Refazenda” (Gilberto Gil); “Aprendendo a Jogar” (Guilherme Arantes); “Oia Eu Aqui De Novo” e “Forró no Escuro” (Antônio Barros e Luiz Gonzaga); “Cheia de Charme” e “Deixa Chover” (Guilherme Arantes); e “20.23” (Rafael

Beck e Felipe Montanaro).

Ouvir Rafael e Felipe é uma arte a ser aproveitada pelos felizardos que desfrutarem de “Fantasia Brasil 2”. Basta abrir os ouvidos para estranhezas e delicadezas; sentir a mudança de clima em meio aos arranjos que eles tocam desabusadamente; deixarem-se embalar pela alegria juvenil do piano de Felipe e pelas flautas de Rafael. Música é a vida deles, ofício essencial e imprescindível. Que muitos ouçam Fantasia Brasil 2 e confirmem o som dos meninos que têm asas nas mãos, é o que desejo. Simples assim.

Ficha técnica

Felipe Montanaro: piano acústico; Rafael Beck: flautas Dó e Sol; Newton d’Ávila: produção; Luiz Leme: gravação, mixagem e masterização; Gabriel Alterio: assistente de gravação.

*Vocalista do MPB4 e escritor

O verdadeiro ninho da ave

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Visitar o Pato com Laranja é viver uma experiência que desperta os sentidos. Desde a recepção impecável do maître Daniel, com o olhar atento já na chegada, até o último gole do drinque, tudo é meticulosamente preparado. Daniel não só conduz o salão com conhecimento — para começar, nos ofereceu o Belle du Jour, um coquetel fresco, elegante, que estimula as conversas e se tornou um verdadeiro luxo da casa.

O cardápio é um passeio pelos sabores do mundo. Como a casa domina dois cardápios — japonês/asiático e internacional —, fomos, literalmente, Paulo e eu, uma no ferro,



Divulgação

Com cardápio dominado por duas frentes - cozinha japonesa/asiática e internacional -, a casa oferece um passeio pelos sabores do mundo

outra na ferradura. Nosso primeiro pedido: guioza de camarão com ponzu de tangerina, gergelim torrado, molho de missô e pimen-

ta-de-cheiro. Veio com a massa fina, molho ótimo e as pontas crocantes.

Na seção japonesa, o restaurante impres-

siona. A tempurá de vieira revela uma textura inigualável. O bao de pato é ótimo, com o pão macio, o pato confit desfiado, sunomono, laranja e nabo. O sushi de wagyu A5 é o inusitado de primeira — com os melhores pescados, servido numa linda cerâmica, cujo design ainda aguça mais o apetite para saborear as peças.

E as sobremesas surpreendem — leves, aromáticas, finalizam a refeição com um toque doce e sofisticado. A pavlova (frutas vermelhas com pistache) e a torta de limão-siciliano, com creme de pistache e gelato de framboesa, fecham uma refeição de alta qualidade de ponta a ponta e só comprovam o talento e a proficiência da chef Andrea Tinoco.

Agora, a joia da coroa: o saquê servido bem gelado, com a inesperada borda de sal — a melhor forma de tomar o aguardente que já experimentei. A sugestão do Daniel é parte integrante da experiência que nos fez dizer, como na canção: arrumei um amor no Leblon...

SERVIÇO

PATO COM LARANJA

Rua Dias Ferreira, 410, Leblon
Diariamente, das 12h às 0h

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Coisas da terrinha

A Tasca Carvalho, autêntica casa portuguesa em Copacabana, celebra os santos portugueses com a segunda edição de sua festa junina lusitana, aos fins de semana de junho. O ótimo chef Pedro Freitas preparou receitas típicas como a Sardinha com Broa e a Sardinha Portuguesa na Brasa, mantendo viva a tradição da terrinha. O ambiente acolhedor da tasca reúne petiscos, pratos fartos, enchidos clássicos e vinhos portugueses de excelente custo-benefício. Estão lá sabor e autenticidade, com destaque para as icônicas sardinhas.

Divulgação



Arriba, España!

A Casa Milà, em Laranjeiras, promove nesta terça-feira (3), às 19h, um jantar especial harmonizado com vinhos da tradicional vinícola espanhola Marqués de Tomares. O evento contará com a presença do CEO Oscar Montaña, representante da quarta geração da família produtora. Com menu em cinco etapas, os pratos como pintxo de atum, jamón, txistorra e mini paella serão harmonizados com rótulos exclusivos da vinícola da região de Rioja Alta. O jantar, R\$ 128 por pessoa, une o sabor da Espanha ao toque brasileiro da casa comandada por Lucas Leal.

Tomás Vélez/Divulgação



Shakes proteinados

A Coé!!, marca que prima pela praticidade, une o lifestyle carioca ao conceito de café to go, lança nove novas bebidas exclusivas entre shakes com whey e refrescantes naturais. Os shakes trazem combinações como o Iced Latte com banana e espresso, o Power Coffee com canela e o Strawberry Bliss com água de coco e morango. Já os refreshes sem whey incluem o Mango Passion, abacaxi com hortelã, Citron e Tropical com leite de coco. Saudáveis, leves e saborosos, os lançamentos prometem refrescar e nutrir o dia a dia com praticidade e criatividade.